

Eleições europeias 2019, tempos difíceis para a esquerda

Sorrisos dos Verdes, triunfo de Salvini e Farage, possível renúncia do líder social-democrata alemão e eleições forçadas para Tsiprias na Grécia – estas reações resumem as principais características das recentes eleições europeias. Dez por cento mais pessoas votaram em relação às eleições anteriores, refletindo um pouco de maior credibilidade para o Parlamento Europeu, embora quase 50% ainda não se dispõe a sair de casa. Os resultados gerais refletem o contínuo giro para a direita na política globalmente.

As conseqüências decorrentes da crise capitalista de 2008 causaram uma enorme ruptura na gestão política “normal”, já que tanto os partidos de centro-direita quanto os de centro-esquerda têm muito menos margem de manobra para manter as sociedades estáveis. Para gestores leais do capital, a austeridade tem que ser administrada e, com menos migalhas para distribuir, os eleitores ficam muito descontentes. Assim, forças fora do grosso da população surgiram e às vezes colocaram ameaças existenciais a antigos partidos políticos.

Infelizmente, a consequência não foi uma revolta da esquerda. Apenas cerca de 30% dos votos foram destinados a partidos de esquerda ou de esquerda radicais nessas eleições. Insatisfação se demonstrou em uma consolidação, mas não um avanço espetacular de partidos de extrema-direita e um salto real para as partidos verdes.

Os partidos tradicionais de centro-direita e centro-esquerda continuam em declínio

Pela primeira vez, o total combinado dos dois grupos de centro-direita e centro-esquerda não tem maioria no Parlamento

Europeu. Eles terão que negociar com o grupo liberal dominado por Macron para distribuir os principais postos de liderança.

Na França, o confronto entre Macron e Le Pen afastou os partidos tradicionais, como o Partido Socialista, que obteve menos votos (6,19) do que o France Insoumise de Mélenchon, enquanto os republicanos receberam apenas 8%. Esses partidos formaram um sistema de duas partes por décadas. Na Itália, Berlusconi, de 82 anos, com antecedentes criminais, foi eleito novamente, mas seu partido Forza Itália ficou com apenas 8,7%. Ao mesmo tempo, o centro deixou o PD (Partido Democrata, ex-comunistas) aliviado em fazer dois pontos melhor do que nas eleições gerais do ano passado com 20%, mas isso foi metade da pontuação que fizeram nas eleições europeias anteriores. Na Grécia, Syriza de Tsiprias foi tão mal que é provável que ele tenha que convocar novas eleições este ano. O centro-direita espanhol Partido Popular continuou a sua crise alimentada pela corrupção com 20%, perdendo votos para a nova festa Vox e o partido centrista dos Cidadãos.

Partidos sociais-democratas resistiram em poucos lugares. Em Portugal, beneficiaram-se de um governo moderadamente não-austero e no estado espanhol o PSOE de Sanchez continuou a sua recuperação com 32% de votos de volta dos eleitores mais radicais e vencedores preocupados com a ascensão do novo partido franco-grossista Vox. No entanto, ainda está tentando formar um governo sem uma maioria geral.

Além do modo como a crise econômica devastou esses partidos tradicionais, o surgimento das mídias sociais torna mais fácil e muito mais barato criar novos partidos e ganhar apoio. Vimos isso primeiro com o movimento M5S na Itália, mas outras novas forças, como o movimento En Marche de Macron ou o partido Brexit de Farage, usam esses métodos. Paradoxalmente, a chamada democracia digital é normalmente combinada com um modelo tradicional de partido privado, em que os apoiadores não são organizados em nenhuma estrutura democrática, mas podem opinar de maneira plebiscitária sobre questões decididas

pelo proprietário / gerente.

Ao mesmo tempo, a destruição e reconstrução da organização do local de trabalho como parte da desindustrialização das sociedades europeias significou que partidos de esquerda social democratas e mais radicais sofreram. Os tradicionais locais de trabalho em massa com a organização sindical existem cada vez menos e isso tornou a organização política mais difícil também. Os efeitos ideológicos da economia de contratos individuais também funcionam contra algumas das idéias-chave da ideologia social-democrata.

Em alguns países, a erosão dos partidos tradicionais chegou a ver novos partidos ou atores políticos bizarros, como o Die Partei na Alemanha, piratas em outros lugares ou comediantes na Itália e na Ucrânia.

Extrema direita continua avançando, mas sem salto previsto

Antes da pesquisa, alguns analistas previram uma grande alta para a extrema direita, mas os resultados para AfD na Alemanha e forças similares na Áustria, Holanda, Eslováquia, Finlândia e Polônia mostraram que isso não é o caso. Até mesmo o desaparecimento do UKIP na Grã-Bretanha refletiu isso, pois Farage se distanciou dos elementos mais extremos de sua base.

Marine Le Pen manteve, em vez de aumentar, os 25% ou mais que costuma marcar nas eleições europeias e presidenciais. Macron estava apenas a um ponto atrás dela e isso foi considerado um resultado decente, dado o declínio em sua popularidade relacionado aos protestos dos Gilets Jaune (Yellow Jackets). Portanto, esse movimento não gerou expressões políticas significativas, pois os vários candidatos dos Gilets Jaune obtiveram votos irrisórios. Se qualquer coisa, seus partidários foram para Le Pen, mantendo seu bloco eleitoral.

A Itália foi a exceção; onde Salvini fez melhor do que as pesquisas prévias sugeridas com 34%, quase dobrando sua pontuação geral nas eleições de um ano atrás. Como Orban, na

Hungria, que também se saiu muito bem, ele estava no governo, o que lhe deu uma cobertura maciça da mídia, e adotou medidas populistas anti-migrantes / anticrime que têm sido populares. Os eleitores neste período de lua de mel não o culpam pela austeridade e pelo lento crescimento econômico. Salvini beneficia-se do estado deplorável tanto da esquerda social-democrata dividida quanto da esquerda radical e do seu parceiro de coalizão, o Movimento 5 Estrelas, com uma expertise mais fraca do governo. O sucesso de Salvini significa que há uma nova relação de forças dentro da coalizão desde que o M5 caiu de 30% nas eleições gerais para 15% agora. Ao mesmo tempo, os Fratelli di Itália de Meloni, um grupo de extrema-direita mais próximo de suas raízes fascistas, superaram os 6% e os MPE foram eleitos.

Salvini sonha com um novo grupo de extrema-direita à escala europeia, mas as diferenças, particularmente em relação à Rússia com antigos colegas do Leste Europeu menos enamorados de Putin do que ele, significam que é difícil ver um grupo nacionalista de direita coerente formado facilmente.

Onda verde

Os partidos Verdes tiveram bom desempenho e o seu grupo aumentou de 19 deputados para 69 e é provável que se torne o quarto maior agrupamento do Parlamento Europeu, o que lhe dá mais poder para levantar questões e participar em debates. Sem dúvida, os recentes movimentos estudantis e do Extinction Rebellion tiveram um impacto real. É encorajador ver que as mobilizações em massa podem ter um efeito político positivo, incluindo dentro das instituições parlamentares.

A Alemanha foi o resultado de destaque com 20,5%, superando os sociais-democratas em cinco pontos e ficando em segundo lugar. Um escalonamento de 33% dos menores de 30 anos votou verde. Na França, os verdes da EELV registraram 13,4%, surpreendendo muitos, já que eles geralmente apoiavam o PS tendo frentes eleitorais com eles. Eles não têm uma base muito organizada ou

substancial e têm frequentemente estado em governos com políticas pró-austeridade. Mas os Verdes fizeram consistentemente bem em todo o oeste e norte da Europa, mas significativamente menos na Europa Central e Oriental, Itália e Grécia. Eles avançaram com novos eurodeputados na Finlândia, Irlanda, Holanda e Portugal.

Os Verdes foram bem onde historicamente estiveram mais à esquerda e contra a austeridade, como na Grã-Bretanha, ou onde participaram de governos moderados, como na França ou na Alemanha. Estas eleições europeias são o melhor terreno para os Verdes por várias razões. A representação proporcional claramente ajuda, já que a pressão por um voto útil para colocar seu partido no governo é muito menor. As pessoas podem votar por seus princípios sem correr o risco de deixar entrar um governo pró-austeridade ou de negação da mudança climática. Também as políticas verdes eficazes são necessariamente transfronteiriças e internacionais, pelo que a arena europeia é lógica e útil para que a política verde seja mais aberta.

O fato de que, em comparação com os Estados Unidos, a UE tomou medidas ecológicas mais positivas também conta. Se pensa que a UE pode fazer a diferença nas questões verdes, poderá estar mais motivado para votar nas eleições europeias. Finalmente, a contínua fraqueza e divisão da esquerda radical na maior parte da Europa cria um espaço real para os Partidos Verdes, particularmente quando estão ancorados à esquerda.

E quanto à esquerda radical?

Os números gerais do grupo da esquerda europeia dos deputados do Parlamento Europeu passaram de 52 para 38, pouco mais de metade do grupo dos Verdes, enquanto que antes tinham os mesmos números. Apesar do descontentamento demonstrado pelos eleitores que abandonaram os partidos tradicionais, a esquerda radical geralmente não conseguiu mais apoio.

Um ponto brilhante é Portugal, onde o Bloco de Esquerda

duplicou para quase 10% e obteve 2 eurodeputados e ultrapassou o PC também que tem 1. Isto inverte nitidamente as suas pontuações da última vez quando o PC foi o dobro da pontuação do Bloco. Ambos os partidos têm apoiado externamente, na base de política em política, o governo social-democrata que adotou uma linha moderadamente anti-austeridade, implementando algumas políticas que protegem os padrões de vida da classe trabalhadora. A aliança Verde-Vermelha também ganhou um assento na Dinamarca com 5,5% dos votos.

Na Itália ainda outra força eleitoral mais ou menos alternativa ao PD, La Sinistra obteve 1,5% e nenhum representante. A esquerda radical costumava ter europarlamentares regularmente. O movimento de Mélenchon, La France Insoumise (LFI), obteve 6,5% dos e alguns deputados, mas isto foi muito inferior à sua pontuação presidencial. Reflete um fracasso em construir a unidade na esquerda, os dias de uma aliança estratégica com a PC já se foram há muito tempo e uma democracia interna muito fraca. Se você apoia o LFI, muita votação é feita online e o movimento é construído inteiramente em torno do líder carismático. Expulsões recentes têm sido controversas. Dado o movimento dos coletes amarelos e o contínuo declínio do PS, você teria esperado um crescimento em seu apoio. Sua abordagem nacionalista acusando a Alemanha de tentar dominar a Europa parece não atrair os eleitores, especialmente os jovens. As forças à esquerda de Mélenchonlike Lutte Ouvriere foram ainda piores, com menos de um por cento.

Unidas Podemos, no estado espanhol, está de volta a pouco menos de 10%, o que é o mesmo resultado de quando começou em 2014, mas um declínio em relação à pontuação geral das eleições deste ano. O racha de Errejón que defendeu uma linha ainda mais moderada e uma posição confusa sobre uma aliança com o PSOE, que agora são o governo, não ajudou. Iglesias, o líder da UP, foi reduzido a pressionar por cargos ministeriais no governo socialista. Mais preocupante tem sido a perda de prefeitos e posições radicais de Podemos nos governos

regionais. Derrotas em Madri e Barcelona. Ironicamente, o único prefeito radical que sobreviveu foi Kiki em Cadiz, que apoia a oposição de esquerda dentro do Podemos e criticou a compra de uma chalé nas montanhas por Iglesias. Podemos ainda tem posições distintas em relação ao PSOE em questões como o direito da Catalunha de votar na independência, mas se ele aceita um papel subalterno ao PSOE no governo corre o risco de perder ainda mais eleitores que retornam ao partido social-democrata.

O Die Linke na Alemanha perdeu dois pontos em relação a eleição europeia de 2014 e está em 5%. Na Grécia os votos esquerdistas radicais de Antarysa e Unidad Popular falharam em conseguir deputados, mas o grupo de Varoufakis conseguiu um eurodeputado.

A Jacobin Magazine, comentando sobre o fracasso da esquerda radical, tende a uma leitura Lexit do desastre. Sugere que a esquerda não elaborou uma estratégia que compreenda a natureza capitalista da UE, que seja federalista demais e que não seja suficientemente atenta às preocupações nacionais, que exagerou a ameaça da extrema-direita e que concedeu muito aos argumentos ecológicos. Isso significava que os potenciais eleitores mudaram para os partidos verdes "mais soft".

Embora possa haver alguma verdade na questão estratégica, essa abordagem resultaria em grande parte na linha de Mélenchon, que não se saiu particularmente bem. Na questão verde, é um caso de a esquerda radical se envolver mais, não ficando de fora criticando abstratamente sua falta de pureza anticapitalista. Há um fracasso em reconhecer qualquer coisa positiva nas pessoas, particularmente nos jovens, confusamente confusos nas soluções internacionais e globais. Não é preciso que a esquerda seja mais verde, mais internacionalista, mais feminista e seja melhor em desenvolver partidos que sejam úteis às necessidades de trabalhadores como o Bloco em Portugal.